

## AS FESTAS, AS RELAÇÕES SOCIAIS E OS VÍNCULOS TERRITORIAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO BORGES VIEIRA-URUACU-GO

The festivities, the social relations and the territorial bonds in João Borges Vieira Community-Uruacu-GO

Rosselvelt José Santos\*  
Eleusa Maria Leão\*\*

\*Docente no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.  
rosselvelt.ufu@gmail.com

\*\*Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológicos no Instituto Federal de Goiás, Campus Uruaçu.  
eleusa.leao@ifg.edu.br

Recebido em 26/06/2019. Aceito para publicação em 30/07/2019.  
Versão online publicada em 10/09/2019 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

### Resumo:

Objetivamos estudar as festas, notadamente as folias quilombolas, como parte integrante no processo de afirmação e construção da identidade da comunidade João Borges Vieira, localizada no município de Uruaçu, Goiás. Neste sentido, analisamos as folias, as relações sociais e os vínculos territoriais. Nelas descobrimos costumes e ações que propiciam, na comunidade, a demarcação material e simbólica do território. Metodologicamente investigamos o movimento das interações culturais e observação das ações expressas na construção das manifestações de saberes, habilidades e conhecimentos evidenciando os nexos das identidades e pertencimentos, principalmente com relação aos espaços urbanos e rurais para no ato de fazer as festas fortalecerem suas territorialidades.

**Palavras-chave:** Festas; Identidade; Territorialidades; Quilombolas.

### Abstract:

The aim of this work is to study celebrations, especially the Quilombola ones, as part of the process of affirmation and construction of João Borges Vieira community's identity, which is located in Uruaçu, Goiás. In this sense, we analyze the festivities, the social relations and the territorial bonds. From them, it is possible to discover customs and actions that allow material and symbolic territorial demarcation in the community. Methodologically, we have researched the movement of cultural interactions and the observation of actions expressed in the construction of the manifestation of knowledges, abilities putting in evidence the relationship between identities and sense of belonging, mainly in relation to urban and rural spaces making the sense of territoriality stronger while celebrating.

**Key-words:** Celebrations; Identity; Territoriality; Quilombolas.

## 1 Introdução

A Comunidade Quilombola João Borges Vieira localizada em Uruaçu no norte goiano é formada por 326 famílias residindo nos espaços rural e urbano do município. Esta comunidade existe desde 2006, originária do desmembramento da Comunidade Rural do Pombal, no mesmo município. A separação se deu em virtude do fato de muitos dos membros da comunidade do Pombal residirem na cidade de Uruaçu e perceberem que a separação os ajudaria na conquista de direitos/benefícios públicos. A fala da atual presidente da associação, Domingas Gouveia de Carvalho, evidencia esta motivação: "A gente recebia todos os benefícios eram no Pombal e Santa Rita do Novo Destino...".

Atualmente, mesmo separadas estas comunidades ainda estão muito próximas visto que são formadas por famílias ligadas por laços de parentesco conforme nos aponta trecho da entrevista realizada com atual presidente da associação João Borges,

[...] a gente é a mesma comunidade, urbana e rural. Aqui em Uruaçu é nosso povo urbano e lá na fazenda é nosso povo rural (...) aqueles que não tiveram a perda das terras nos anos de 1968 e 1969 que houve o conflito das terras com os fazendeiros. Parte das famílias foi expulsa das suas terras e daí eles vieram pras cidades vizinhas que é Uruaçu, Barro Alto. Atravessando o rio das Almas pra cá a gente já reconhecia como Uruaçu. Na época que meu tio fala era Santana do Machobombo, antigo Uruaçu e atravessava do rio dos Bois e Maranhão já era o pessoal de Niquelândia. Atravessava do rio dos Bois já era os povo (sic) de Porto Leocádio (Entrevista realizada no dia 25 de maio de 2016 com Domingas Gouveia de Carvalho).

Um dos traços marcantes tanto da comunidade João Borges Vieira quanto do Pombal e outras, localizadas na região, é a realização de festas envolvendo grande parte de seus membros. Em muitos casos, essas festas se constituem nas únicas oportunidades de descanso, prazer, confraternização e divertimento para os membros destas comunidades. As festas se constituem em momentos de devoção aos santos, fartura de comida e bebida, conagração entre os parentes que, em virtude das lidas diárias, seus encontros são escassos.

As festas possuem um calendário cíclico, já incorporado à rotina daquelas comunidades, principalmente aquelas ligadas às homenagens as divindades do catolicismo. Neste contexto, inserem-se as festas juninas e folias, que ocorrem entre os meses de maio a setembro. Há também momentos de festividades aleatórias que não seguem um calendário fixo, tais como as chamadas “rezas”, aniversários e casamentos, por vezes acompanhadas pelos chamados bailes ou “forrós”.

Eventos que revelam balanceamentos materiais e simbólicos, traduzidos por devoções, costumes, ajuda/cooperação/troca simples.

A festa abriga dimensões de tempo, tem duração. Tem o antes, o durante e o depois. Nas sociedades mais simples a centralidade da festa manifestando-se como direção e sentido de atos, relações, decisões, em suma, de práticas, de políticas, deriva do fato de que tais comunidades administram seu tempo. Fazem-no, certamente, conforme prescrições do mundo ao qual pertencem guardando certa institucionalidade, seja religiosa, seja estatal, mas a comunidade enquanto tal, dona do seu tempo. O tempo é presente – prático; é disto que deriva a centralidade da festa (SANTOS, 2008, p. 21).

Além disso, as festas ao mesmo tempo em que reforçam os laços familiares se constituem em momentos nos quais as tradições são reinventadas e passadas de geração para geração. O trecho da obra de Brandão (2007) descreve esses momentos de confraternização, fartura e alegria.

Além de parentes e amigos convidados [...] entende-se que o lugar da festa é aberto a todos [...] Mesmo em casa de pobre, a comida deve ser servida com fartura [...] As mulheres cozinham em grandes panelas as mesmas comidas de todo dia, acrescidas, às vezes, de uma sopa muito quente, quando a dança é no tempo de frio, de maio a setembro, justamente quando as funções são mais frequentes, porque “não se dança para o santo durante a Quaresma e a Semana Santa” e porque ela rareia nos meses “das águas” (BRANDÃO, 2007, p. 312-313).

Neste texto procuraremos discutir o envolvimento das pessoas da comunidade nas folias quilombolas. Privilegiaremos os momentos em que ocorrem os encontros e as atividades preparatórias para a realização das mesmas.

Analisaremos a complexidade das manifestações culturais, sua capacidade de expressar sentimentos, emoções, constituindo-se em formas de cultivar costumes que foram criados no passado, bem como suas adaptações ao novo, de forma a entender as dimensões essenciais do seu modo de vida, seu modo de estar no mundo.

As categorias lugar e território foram acionadas e comparecem no texto para viabilizar o debate sobre o sentido da festa na comunidade quilombola. Segundo Ferreira (2003) e Sousa (2010), lugar (categoria geográfica) é a que melhor possibilita a compreensão de um evento festivo. Outra categoria é o território, pois “ao se apropriar de um espaço concreto ou abstratamente, o ator ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

## 2 Desenvolvimento

A partir da categoria lugar constituímos procedimentos de observação, descrição e análise das folias. Conseguimos, de certo modo, detectar os significados e as representações que os membros da comunidade atribuíram ao espaço. Ao considerarmos o lugar vivido destacamos as articulações existentes entre os diversos sujeitos em interação, tornando-se “uma ferramenta útil e enriquecedora, permitindo uma abordagem da festa capaz de esclarecer os mecanismos de interação em suas diferentes escalas” (FERREIRA, 2003, p. 3).

No lugar fomos ressaltando os ritmos com que as pessoas agiam desenvolvendo a vida em suas várias dimensões.

Na comunidade quilombola, o lugar é o bairro, a praça, a rua, ou seja, é aquela porção do espaço na qual a vida propriamente dita acontece. É o espaço que pode ser sentido, apropriado, pensado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007).

O lugar é também a dimensão que nos permite pensar a história, o costume, a cultura, a tradição e os hábitos que são próprios de determinado grupo social. A comunidade relaciona-se, portanto, com o lugar, criando laços profundos com o bairro, gerando/motivando identidades, abrangidas por suas referências éticas e morais, geralmente criadas, inventadas com o objetivo de garantir na cidade seus direitos. Assim, buscamos o entendimento do lugar

[...] nas práticas mais banais e familiares o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, na parcelar, no plural [...] o lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde (sic) em que se é produzida a existência social dos seres humanos (CARLOS, 2007, p. 20).

Entre os quilombolas, “o lugar guarda uma dimensão prático-sensível, real e concreta que a análise, aos poucos, vai revelando” (CARLOS, 2007, p.16). Além do bairro, o estudo do cotidiano daquele grupo social foi se revelando complexo envolvendo inúmeros aspectos. Eles, enquanto sujeitos do vivido, são políticos, religiosos e subjetivos.

Na casa, nos lugares públicos da comunidade, esses aspectos se entrelaçam e são marcantes tanto na luta árdua para o desenrolar da vida quanto no atendimento dos seus compromissos materiais e simbólicos.

Nos momentos de lazer, incluindo as festas, a reciprocidade é decisiva para que as reuniões festivas continuem acontecendo. Nas festas ocorre um adensamento das vivências que conectam as pessoas e comunidades envolvidas. De acordo com (SARAIVA; SILVA, 2008 *apud* DEUS et al. 2016).

As festas são, portanto, instrumentos de sociabilidade, funcionando como fatores de coesão social que propiciam a recuperação da memória histórica, dos valores, das tradições e dos “modos de vida” das coletividades. Pois a celebração de uma festa é também um momento de partilha (DEUS et al, 2016, p. 10)

Contudo, o que é uma festa na comunidade quilombola? Qual a melhor conceituação deste termo para os negros daquela comunidade? Vista pelo prisma do senso comum, o vocábulo pode ser aplicado a uma infinidade de situações sociais, culturais e religiosas. Aparentemente, todos que forem indagados sobre o que seja uma festa saberão dar sua opinião. Apesar disso,

[...] essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns pode não ser para outros. Pode ser descrito como baderna, bagunça, manipulação, como a morte da própria festa. Um baile *funk* é uma festa? Um comício eleitoral? Um show de *rock*? Uma procissão religiosa? Os sentidos que o próprio senso comum atribui a festa são, dessa forma, bastante fluidos, negociáveis, contestáveis (GUARINELLO, 2001, p. 969).

Sem dúvida há complexidade e amplitude no termo “festa”. Importante e necessário desenvolvemos uma reflexão que possibilite enxergar as suas conexões com as práticas sociais e a sua capacidade de nutrir vínculos territoriais.

Segundo Heidrich (2004, p. 31) “os vínculos territoriais são resultantes das ações ou práticas sociais de condução e representação da vida”. No que se refere ao cotidiano entendemos que as folias Quilombolas são também

[...] uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objetivo que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes de uma determinada identidade. Festa é a confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade (GUARINELLO, 2001, p. 973).

As festas além de proporcionar/motivar encontros reúnem também momentos de sociabilidade/mutualidade. Envolvem o coletivo, criam momentos de doação. Entre homens e mulheres simples são voltadas para o fortalecimento de vínculos e enlaces sociais, celebrações e comemorações daquilo que é comum e relevante para a vida comunitária.

Realizar a festa gera envolvimento de pessoas e ações de diversas ordens. Inúmeros

são os sentimentos abrangidos, configurando confluências de ações socioculturais que subjetivamente e objetivamente repercutem na defesa do território.

Nos festejos, os foliões e a comunidade vivem momentos de comunhão, de pensamentos voltados para objetivos comuns. Neste sentido a festa é uma construção que pode se afirmar entre os quilombolas como uma reunião de resíduos, criados no passado, mas quando acionados possibilitam juntar pessoas em um mesmo lugar.

Nele parecem sentirem-se esclarecidos, oralmente, a partir da família e da vizinhança sobre a importância das folias. Contudo, as aproximações ocorrem principalmente por uma comunhão de interesses ligados ao costume de fazer e doar-se à festa. Conforme nos foi relatado por uma das entrevistadas, “isso é a cultura que na minha região, os meus tios, minha mãe, ficou mantendo depois que o meu avô morreu” (**Entrevistada 1**, 5 de junho de 2017). Segundo Thompson “as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral” (THOMPSON, 1998, p. 19).

Essa tradição da oralidade gera conhecimento e prepara gerações para praticarem uma comunhão oriunda das vivências no processo de fazer a festa. Consequentemente tem-se práticas que fomentam sentimentos de pertencer ao lugar em que se encontra assentada a comunidade quilombola. No lugar, a festa vai se tornando parte de um modo de vida onde os de dentro efetivam seus momentos de promover a identidade, gerando práticas sociais que contribuem para o fortalecimento dos vínculos com o território.

### 3 As Folias como manifestação das territorialidades

Conforme considerado anteriormente, as festas apresentam uma dimensão coletiva que se evidencia como uma rede *no* e *do* espaço geográfico, configurando-se como estratégia de vida. A partir dela os quilombolas vão mantendo/innovando os laços de família e promovendo, redefinido suas territorialidades.

A relação com o território envolve apropriação simbólica e ideológica, ao mesmo tempo em que propicia e cristaliza a territorialidade, o sentimento de pertencimento do sujeito ao lugar (ALMEIDA, 2008).

No início deste texto, destacamos que a comunidade João Borges Vieira é composta por famílias que residem tanto no espaço urbano quanto rural. Estas famílias têm seus encontros na festa e no processo de fazer e doar as festas. Principalmente, nas folias, há uma intensificação dos encontros e das suas ligações ao sagrado. Portanto, é pela fé que as pessoas abrem suas casas para a realização das folias. É essa fé que as motiva a doarem trabalho e alimentos para a o evento ocorra. Durante a pesquisa muitas pessoas relataram que sentem necessidade de estarem nesses momentos por se sentirem ligadas ao sagrado e que, por isso, participam sempre que podem, não se medindo esforços para fazerem-se presentes.

As folias são acontecimentos coletivos voltados para a reunião de familiares, vizinhos, parentes e pessoas conhecidas nas quais é possível reafirmar os laços identitários e o sentimento de devoção às santidades. Na comunidade quilombola é também uma maneira do grupo social existir na e para além da interpretação do sagrado. É estabelecer/fortalecer a partir dele seus vínculos com o território.

A festa é um evento vivo. Elas não estacionam no tempo e no espaço, pois entre uma e

outra edição existem os momentos de preparação. Cada folia ocorre num período de três a doze dias, em que os foliões se deslocam de casa em casa levando a bandeira com as imagens dos Santos Reis, do Divino Pai Eterno ou de São Sebastião para visitar, a partir das casas, as famílias, os devotos, as vizinhanças. Uma participante da comunidade em uma das entrevistas nos esclareceu sobre as andanças das diversas folias realizadas: “a quantidade de “pouso” varia. Por exemplo, tem folia que é três dias de “giro”. Tem folia que é quatro dias de “giro”. Tem folia que é cinco, tem folia que é seis dias. Tem folia que tem até nove, dez dias. Então assim, varia...” (**Entrevistada 2**, 7 de junho de 2017).

Outro aspecto com relação às andanças das folias, que merece destaque diz respeito às casas em que ocorrerão os “pousos”. De acordo com a entrevistada 2, “a pessoa encarregada da folia sai nas casas pedindo os “pousos” até conseguir o número de residências necessárias para a realização da folia” (**Entrevistada 2**, 7 de junho de 2017).

Nestes momentos é importante receber bem o outro. Nas visitas ocorrem as doações daquilo que é possível doar. Doa-se tempo, conhecimento, recursos que foram guardados e nas festividades são distribuídos.

As refeições são doações. As pessoas que oferecem o almoço ou a “janta” são doadoras, são recíprocas, são solidárias, pois é destas práticas sociais que se nutre a festa e os vínculos territoriais na comunidade. O falar de uma das entrevistadas exemplifica o que estamos afirmando. Ela nos disse que quando uma pessoa aceita receber a folia em casa a responsabilidade de tudo que for servido no “pouso” é dela e que, quando essa pessoa não consegue arcar com todas as despesas, o dono da casa recebe ajuda de parentes e vizinhos. “As despesas são grandes, pois em cada ‘pouso’ se serve a “janta”, doce, café da manhã e almoço no outro dia. Então, assim, é muito puxado” (**Entrevistada 2**, 7 de junho de 2017).

Em várias situações, após o almoço e principalmente, após a “janta” as pessoas aproveitam para dançar. Assim, doa-se também o espaço da casa e ao som dos instrumentos utilizados na condução das folias: pandeiro, sanfona, viola, violão e triângulo, vive-se momentos de transgressão do sagrado. Dentre essas danças destaca-se a catira. Há também o “forró” no qual se dança aos pares. Em campo, tivemos oportunidade de vivenciar as folias realizadas nas áreas rurais nas quais os “forrós” são sempre frequentes. Relataram-nos que “o catira é a tradição na folia” e que nas áreas rurais “dança-se a noite toda até no outro dia quando sai o “giro” em direção à outra casa (**Entrevistada 2**, 7 de junho de 2017).

Na realização das folias entre os membros da comunidade estudada é intenso o conagraçamento, a ligação entre aqueles que residem na cidade de Uruaçu com os parentes que moram em outras comunidades tais como a comunidade do Pombal e de Niquelândia. Na verdade, o que chama a atenção não é o fato das pessoas irem para outra comunidade, mas a percepção de que para elas não importa o espaço onde a festa acontece; independentemente se é realizada em Uruaçu, Niquelândia ou na comunidade do Pombal, o importante é que ela é um evento *da e para* a comunidade.

Trata-se de uma comunidade que vive separada e se junta para fazer e doar-se na festa. Neste processo há várias interligações. Algumas bastantes profundas, por exemplo, quando se constata que os próprios organizadores, os chamados foliões, moram em um lugar e organizam as folias em outro. A organizadora de uma das folias, Dona Candinha, reside em Uruaçu, mas realiza, todos os anos, a folia na cidade de Niquelândia e também no espaço rural deste município.

O deslocamento das pessoas é uma possibilidade da festa, dos atributos religiosos e

comunitário hodiernas às folias. Esses eventos reúnem residentes em Uruaçu, Niquelândia, Barro Alto e comunidade do Pombal, pois as passagens de bandeiras ocorrem nas diversas localidades.

O compromisso em realizar a festa é complexo. Envolve deslocamentos de pessoas, negociação/apropriações de um espaço amplo. A festa e os festeiros reúnem em um lugar gentes de várias localidades. Neste processo, os vínculos com o território quilombola parecem revigorados, pois o próprio território é uma construção.

A composição de sentimentos de pertença à comunidade quilombola envolve pessoas de diversas idades, as quais vão sendo envolvidas nesta relação social por aquilo que as folias representam e fortalecem entre eles. A religiosidade é um destes aspectos. A partir da festa percebe-se que entre os quilombolas, em grande parte, “o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (No caso em estudo das lideranças que realizam as folias) em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). E que, portanto, “ao apropriar de um espaço concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Constata-se que a apropriação do espaço e conseqüente territorialização do mesmo, no caso das folias, se dá nos momentos de realização das festas, mas principalmente pela apropriação objetiva e subjetiva deste espaço a partir daquilo que elas compreendem como sendo delas, da cultura que cultivam.

No espaço urbano, as distâncias físicas existem e são contornadas pelo compromisso de construir a festa. Isso significa que as folias ocorrem juntando pessoas que por algum motivo se separaram. Além deste propósito cria-se também o costume de reeditar ano após ano os ritos e rituais das folias.

O costume criado pelos quilombolas de oferecerem folias fixas e itinerantes implica na certeza de que no próximo ano aquela(s) folia(s) ocorrerá(ão) novamente e que elas são uma maneira, vinculada aos seus modos de vida de movimentar/nutrir as suas territorialidades

[...] a territorialidade reflete, então, o vivido territorial em toda sua abrangência e em suas múltiplas dimensões-cultural, política, econômica e social.” Os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas”, entendendo-se que “todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais (BRAGA; LAGES; MORELLI, 2004, p. 29).

Mesmo que a maioria dos quilombolas não participe da organização das folias, indo somente em alguns momentos, principalmente na hora da refeição e do “fórró”, há nestes encontros interações culturais, políticas e religiosas. Nesta situação, as pessoas chegam às festas sustentadas e sustentando diversas redes sociais que de algum modo revigoram as territorialidades de um território em construção.

As folias reúnem práticas sociais, proporcionam momentos de prazer, felicidade, realizações para os participantes/envolvidos nos festejos. Assim, a festa comunitária para os quilombolas deste estudo constitui-se em um dos momentos mais importantes de suas vidas.

Nesse sentido, as festas com todos os rituais presentes em sua preparação

contribuem na organização e apropriação do território. De acordo com Raffestin (1993), a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, a territorialidade passa a desempenhar um valor particular. Assim, as territorialidades derivadas das folias constituem elementos importantes para a conquista da dignidade humana, pois elas se inserem num processo de reafirmação das pertencas quilombolas.

Desse modo, a identidade é uma construção que necessita ser nutrida pelas múltiplas relações-territorialidades que se estabelece todos os dias e isso envolve as obras materiais e imateriais que produzidos tais como os templos, as canções, as crenças, os rituais, os valores, as casas, as ruas etc (SAQUET, 2009).

Haesbaert (2006) também compartilha a ideia de que há forte relação entre o território e os processos de construção identitária. Tal processo de construção identitária é perceptível em várias situações, principalmente, quando constatamos a vontade de diferenciação das folias que ocorrem no espaço rural nas quais ainda se mantém vários traços das antigas ruralidades, inclusive, o deslocamento das pessoas em comitivas.

#### 4 Considerações Finais

À guisa de conclusão gostaríamos de reforçar o caráter relacional e ao mesmo tempo multidimensional do território e do universo de relações sociais, culturais, políticas e econômicas de um grupo social, no caso, a comunidade João Borges Vieira no processo de construção do território. Ao realizarmos a pesquisa de campo, por meio da observação participante, percebemos o quanto a realização das folias possibilita envolvimento dos quilombolas com a festa, com aquilo que reúne os seus resíduos fomentando vivacidade às suas territorialidades.

#### Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa. (Orgs.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008, p. 47 - 97.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os DEUSES do povo**: um estudo sobre a religião popular. 3. ed. ampl. Uberlândia: EDUFU, 2007.

BRAGA, Cristiano; LAGES, Vinicius; MORELLI, Gustavo. (orgs.). Território e territorialidade. In: **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Ignacy Sachs, prefácio. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no /do mundo**. São Paulo: FELCH, 2007.

DEUS, José Antonio de Souza; ORRES, Marcos Alberto; ALMEIDA, Maria Geralda; VARGAS, Maria Augusta Mundim. Territorialidades de festas populares: espaço – tempo Cognitivo, conectivo e conflitivo. **Revista da Associação Nacional de pós – Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)**. p.353-368, v.12, n. 18, especial GT ANPEGE, 2016. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/viewFile/529/292>> Acesso em: 30 de abril de 2017.



---

FERREIRA, Luiz Felipe. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 7-21, jan./ jun. 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org) **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2001, v. II, p. 969-975. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v. 3).

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. *In*: SANTOS, M. et al. **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 43-70.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Espaço e multiterritorialidade entre territórios: reflexões sobre a abordagem territorial. *In*: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P.; SOUZA, E. B. C. (Orgs) **Teorias e práticas territoriais: análises espaços-temporais**. São Paulo: Editora expressão popular, 2010. p. 25-35.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUSA, Patrício Pereira Alves. As Geo-grafias da Memória: o lugar festivo como biografia espacial. Revista **RAÍE GA**, Curitiba, n. 20, p. 81-93, 2010.

SANTOS, R. J. **Gaúchos e mineiros do cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

THOMPSON, E. P. **Costume em comum** – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.